



Glossário em traduções literárias: Jorge Amado em italiano

Glossary in Literary Translations: Jorge Amado in Italian

Andréia Guerini

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina / Brasil
andrea.guerini@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-3187-6246>

Elena Manzato

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina / Brasil
manzatoelena@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0003-2229-0347>

Resumo: Os glossários são pouco discutidos nos Estudos da Tradução embora sejam uma ferramenta valiosa, pois representam um poderoso instrumento para o leitor. No glossário, podemos ver como quem traduz negocia sentidos, tornando esse paratexto um importante espaço ético-decisional de criação de significados, além de poder estabelecer uma relação dialógica entre o texto/cultura de partida e o texto/cultura de chegada. Por isso, este artigo verifica como os glossários são tratados nas abordagens paratextuais, para apresentar a análise de um caso específico, isto é, os glossários das edições italianas de *Suor* e da edição “I Meridiani” *Jorge Amado: Romanzi* (2002), a partir das teorizações de Batchelor (2018), Genette (2009), Tahir-Gürçağlar (2002), Kovala (1996) e das teorias pós-coloniais da tradução presentes em Robinson (2014) e Tymoczko (2006).

Palavras-chave: Jorge Amado; Itália; paratexto; glossário; ética na tradução.

Abstract: Glossaries are rarely discussed in Translation Studies although they are a precious instrument, as they represent a valuable tool for the reader. In the glossary we can see how translators negotiates meanings, making paratext an important ethical space for creating meanings, besides being able to establish a dialogical relationship between the source text/culture and the target text/culture. Thus, this article verifies how glossaries are defined in paratextual approaches, and then present a case study,

the glossaries of the Italian editions of *Suor* and of *Jorge Amado: Romanzi* (2002), starting from theories by Batchelor (2018), Genette (2009), Tahir-Gürçağlar (2002), Kovala (1996) and also of the post-colonial theories of translation by Robinson (2014) and Tymoczko (2006).

Keywords: Jorge Amado; Italy; paratext; glossary; ethics in translation.

Introdução

Em *Paratextos editoriais*, Genette (2009, p. 9) afirma que um livro

[...] raramente se apresenta em estado nu, sem o reforço ou o acompanhamento de um certo número de produções, verbais ou não, [...] que, em todo caso, o cercam ou prolongam, exatamente para apresentá-lo, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais amplo: para torná-lo presente, para garantir sua presença no mundo, sua “recepção” e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro. Esse acompanhamento [...] constitui o que em outro lugar batizei de paratexto da obra [...].

Ainda segundo Genette (2009), esses elementos paratextuais podem ser divididos em peritexto e epitexto, sendo que o primeiro se encontra materialmente ligado ao texto (título, prefácios, notas etc.), ou seja, está na parte interna do livro, e o segundo é composto pelo material que não acompanha materialmente o livro (entrevista, correspondências, resenhas etc.), ou seja, se encontra na parte externa do livro.

No presente artigo, abordaremos um elemento utilizado em obras traduzidas, que não aparece na classificação de Genette (2009), nem é contemplado, por exemplo, na *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (2020). Trata-se do glossário, que, segundo o dicionário Caldas Aulete, seria um elemento textual que fornece definições de palavras e/ou expressões que podem ser desconhecidas ou obscuras para o público leitor e que servem ou deveriam servir para elucidar aspectos linguísticos, e também culturais de um dado termo/ou expressão. A nossa hipótese é que, no estudo de caso proposto, esse elemento – que poderia ser um valioso instrumento de compreensão para o público-leitor, um suporte para a leitura – cristaliza alguns estereótipos a respeito do Brasil.

Ademais, ao mesmo tempo que representaria um poderoso espaço de negociação e criação de sentidos, o glossário possibilita discussões a respeito do ato tradutório. Quando considerado como ferramenta

para entender uma cultura diferente, o glossário pode gerar discussões sobre aspectos éticos da tradução. O nosso objetivo é, portanto, analisar os glossários que aparecem nas duas edições italianas de *Suor* (1934) de Jorge Amado, publicadas em 1985 e 1999, e na edição *Jorge Amado: Romanzi*, de 2002, apoiando-nos em teorias sobre paratextos de obras literárias (BATCHELOR, 2018; GENETTE, 2009; TAHIR-GÜRÇAĞLAR, 2002; WATTS, 2000), assim como teorias pós-coloniais da tradução (ROBINSON, 2014; TYMOCZKO, 2006).

Glossários: presença e ausência nos Estudos da Tradução

Na vasta bibliografia sobre Estudos da Tradução em geral, e nas várias publicações sobre paratextos, em particular, notamos que existem poucas referências bibliográficas sobre os glossários, ou que os considerem como parte integrante do fazer tradutório, seja como suporte de leitura – tal como as notas de rodapé – seja como extensão do texto traduzido.

Na *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (2020), o glossário é mencionado pouquíssimas vezes, de maneira muito superficial, e raramente é relacionado a obras literárias. Quando aparece, o glossário é uma estratégia didática, uma produção – ligado à terminologia – ou um instrumento usado por famoso(a)s tradutore(a)s em ausência de equivalentes em culturas diferentes.¹

Na área de terminologia, o glossário é definido como “repertório de unidades lexicais de uma especialidade com suas respectivas definições ou outras especificações sobre seus sentidos” (FINATTO; KRIEGER, 2004, p. 51).

Na área de estudos literários, Vanise Medeiros (2014, p. 145) dá a seguinte definição: “Glossários, em geral, vêm apensos aos textos, seja em notas de pé de página, seja ao final do livro. Deles fazem parte como algo que se acrescenta”, e refere que “o glossário para o livro de literatura elaborado pelo escritor se faz na relação com o dicionário: se não existe, é preciso, então, criar, ou indicar sua existência, ou ainda dar à palavra outros sentidos”. Além de glossários de autore(a)s, Medeiros (2014) individua os escritos por editore(a)s e lexicografo(a)s.

¹ O glossário é mencionado 10 vezes no corpo do texto e mais 5 vezes na bibliografia. Não é tratado teoricamente, mas sim como produto de algumas disciplinas (terminologia) ou como instrumento utilizado ao longo do tempo por várias escolas de tradução.

Essa definição é importante para os Estudos da Tradução se pensamos que o glossário em obras traduzidas serve para elucidar o significado de palavras e às vezes expressões pertencentes a um sistema linguístico ou cultural diferente daquele do público-leitor, ou seja, palavras e expressões que dificilmente são encontradas no dicionário. Ainda em relação ao texto literário traduzido, Marie-Hélène Torres (2011) considera o glossário como metatexto.

Para o presente trabalho, porém, consideramos o glossário como paratexto, partindo da definição de Kathryn Batchelor (2018), no qual a estudiosa parte da obra de Genette (2009) para construir uma nova definição de paratexto que se encaixe nos Estudos da Tradução:

O paratexto consiste em qualquer elemento que carregue comentários sobre o texto, apresente o texto ao público-leitor, ou influencie a recepção do texto. Os elementos paratextuais podem ou não se manifestar materialmente; quando se manifestam, podem ser fisicamente anexados ao texto (peritexto) ou separados (epitexto). [...] Um peritexto é, portanto, por definição, paratextual. Outros elementos fazem parte do paratexto apenas na medida em que desempenham uma das funções listadas acima, ou seja, carregar comentários sobre o texto, apresentar o texto ao público-leitor ou influenciar a recepção do texto. (BATCHELOR, 2018, p. 12, tradução nossa)²

Batchelor (2018) se distancia de duas questões centrais para Genette (2009): 1) a centralidade da autoria e 2) a proposta de considerar a própria tradução como paratexto.

Essa segunda questão é fundamental ao se fazer uma crítica pós-colonial do paratexto, como aponta Şehnaz Tahir-Gürçağlar (2002). Primeiramente, a ideia de Genette (2009) – de o texto traduzido ser um paratexto – representa uma visão limitada da tradução como texto apenas a serviço do “original”; em segundo lugar, desproblematiza outras

² “The paratext consists of any element which conveys comment on the text, or present the text to the readers, or influences how the text is received. Paratextual elements may or may not be manifested materially; where they are, that manifestation may be physically attached to the text (peritext) or may be separate from it (epitext). Other elements constitute part of a text’s paratext only insofar as they achieve one of the functions listed above, i.e. convey comment on the text, present the text to the readers, or influence how the text is received”.

questões presentes nas abordagens culturais e pós-coloniais dos Estudos da Tradução, que apontam para a qualidade dual da tradução como meio para manipular o(a) colonizado(a) e para criar uma certa imagem dele(a).

Os estudos pós-coloniais da tradução concentram-se na ideologia e na ética envolvidas no ato tradutório e trazem à tona a relação de poder desigual que se instalou entre colonizador(a) e colonizado(a):

Os estudos pós-coloniais da tradução são especialmente interessantes devido à centralidade da ideologia e da ética, do ativismo e da resistência nestes contextos. As situações pós-coloniais envolvem relações de poder assimétricas. (TYMOCZKO, 2006, p. 454, tradução nossa)³

Douglas Robinson (2014, p. 31-32), em *Translation and Empire*, cita Richard Jacquemond, que nos apresenta algumas formas através das quais essas desigualdades aparecem em tradução, por exemplo:

– a cultura não hegemônica traduz muito mais do que a cultura dominante. Nas relações Brasil-Itália, por exemplo, sabemos que “o Brasil traduz da Itália quatro vezes o que a Itália traduz do Brasil” (DAL PONT; GUERINI, 2017, p. 35);

– a cultura dominante traduz obras que apresentam a cultura não-hegemônica conforme algumas ideias pré-concebidas sobre ela. “Em geral, são imagens simplistas que são, inclusive, internalizadas, incorporadas pela própria cultura dominada. No caso do Brasil, por exemplo, fala-se em carnaval, samba, caipirinha, povo caloroso e receptivo” (MELLO; VOLLET, 2000, p. 175).

A virada cultural e ideológica nos Estudos da Tradução também favoreceu um interesse maior em como as culturas são representadas nos paratextos, não por acaso Batchelor (2018) apresenta uma breve revisão bibliográfica da abordagem pós-colonial, uma análise engajada em desmascarar formas manipuladoras de representação do(a) colonizado(a). Batchelor (2018, p. 37-39) destaca que o que surge é um duplo processo, de domesticação e exotização, que é aparentemente uma estratégia de marketing comum em muitos sistemas europeus e norte-americanos; o uso de estereótipos, inclusive, parece ser um traço comum na apresentação de textos oriundos de sistemas literários pós-coloniais.

³ “Postcolonial translation studies are particularly interesting because of the centrality of ideology and ethics, activism and resistance, in these contexts. Postcolonial situations involve asymmetrical power relations”.

Nossa proposta, ao trabalhar com glossários que acompanham a obra de Jorge Amado, é analisá-los a partir dos preceitos pós-coloniais, pois acreditamos que, como outros elementos paratextuais, o glossário contribui para a construção da imagem de uma dada cultura e, por conseguinte, ele é um poderoso elemento ético para se discutir procedimentos tradutórios.

Indicamos o glossário como um elemento paratextual muitas vezes negligenciado e queremos destacar sua importância como instrumento de mediação e como lugar de representação e negociação de sentidos. Como afirma Richard Watts (2000, p. 30, tradução nossa) “o paratexto serve de alguma forma para tornar culturalmente familiar o que não é”,⁴ ou seja, o paratexto é funcional para se aproximar ao(à) Outro(a), pois na literatura traduzida acontece um processo de mediação, que é descrito por Kovala (1996, p. 120, tradução nossa) como:

[...] um processo de segundo grau no qual uma obra é transposta para outra língua e para um contexto cultural diferente [...]. Neste processo, a necessidade da mediação é naturalmente mais urgente do que no caso da literatura nacional, porque a obra encontra-se muitas vezes longe do seu receptor histórico e cultural.⁵

Kovala (1996) apresenta uma análise que visa a identificar as manifestações ideológicas no espaço paratextual e sugere novos horizontes de pesquisa, entre os quais analisar de forma mais aprofundada como a ideologia, mais ou menos explicitamente, se apresenta no discurso paratextual.

Identificamos o glossário como paratexto fundamental na identificação de representações etnocêntricas, muitas vezes nocivas e opressoras. Quando Berman (2013), afirma que a tradução deve ser ética e não etnocêntrica, por exemplo, ele procura se aproximar o máximo possível da “verdade”. No nosso caso específico, a urgência de se pensar um glossário mais “ético” deriva da observação, em particular,

⁴ “the paratext all worked to a greater or lesser extent to render the culturally unfamiliar less so”.

⁵ “The mediation process of translated literature is a process of the second degree, in which a work is transferred into another language and into a different cultural context [...]. In this process, the need for mediation is naturally much more urgent than in the case of original literature, because the work is often far from its recipient historically and culturally”.

de alguns glossários de obras de Jorge Amado publicadas na Itália, como discutiremos a seguir.

Glossários: o caso de Jorge Amado na Itália

Como mencionado acima, a necessidade de tratar de glossários em traduções literárias veio da observação de algumas edições italianas de obras de Jorge Amado. Os glossários de duas edições de *Suor* [*Sudore*] são nosso ponto de partida, pois já serviram de modelo para discutirmos etnocentrismo e estereótipos no artigo “*Suor*, di Jorge Amado in italiano: tra etnocentrismo e stereotipizzazione” (2021, no prelo). Por isso, a necessidade de ampliar a discussão, incluindo algumas definições que aparecem no glossário de *Jorge Amado: Romanzi* (2002) da prestigiosa coleção “I Meridiani” da editora Mondadori, que reúne em dois volumes boa parte dos romances de Jorge Amado traduzidos para o italiano.⁶

Conforme Berman (2013), ter uma postura ética perante a tradução significa respeitar o(a) Outro(a), mantê-lo(a) presente em tradução: “O ato ético consiste em reconhecer e em receber o Outro enquanto Outro” (p. 95). Existe, para o estudioso, a necessidade de criar uma relação dialógica entre língua estrangeira e língua própria: “A tradução verdadeiramente ética deve evitar tanto o ‘efeito de estranhamento’ abusivo como também o efeito de naturalização abusivo” (BERMAN, 1995, p. 30, tradução nossa).⁷

Portanto, conforme o estudo de caso que apresentaremos, consideramos o glossário uma ferramenta que pode ser ética, uma vez que estabelece essa relação dialógica entre as duas modalidades: estrangeirizadora e naturalizante. O glossário permite que o(a) tradutor(a) mantenha o efeito de estrangeirização no texto, conservando a palavra

⁶ As obras de Jorge Amado presentes nesta edição são: *Il Paese del carnevale*, traduzido por Elena Grechi; *Cacao*, traduzido por Daniela Ferioli; *Jubiabá*, traduzido por Elio Califano e Dario Puccini; *Gabriella, garofano e cannella*, traduzido por Giovanni Passeri; *La doppia morte di Quincas l'acquaiolo*, traduzido por Paolo Collo; *Dona Flor e i suoi due mariti*, traduzido por Elena Grechi (volume I). *La bottega dei miracoli*, traduzido por Elena Grechi; *Tereza Batista stanca di guerra*, traduzido por Giuliana Segre Giorgi; *Alte uniformi e camice da notte*, traduzido por Elena Grechi; *I turchi alla scoperta dell'America*, traduzido por Luciana Stegagno Picchio (volume II).

⁷ “La traduction réellement éthique doit éviter tout aussi bien l’effet ‘étrangeté’ abusif que l’effet de naturalisation abusif”.

do português brasileiro, ao passo que viabiliza um efeito naturalizante ao explicitar o significado dessa palavra num lugar outro.

No que se refere a *Suor*, publicado no Brasil em 1934 pela editora Ariel, o nosso *corpus* é composto pela primeira edição italiana, traduzida por Claudio M. Valentinetti e publicada em 1985 por Mondadori, e pela edição de Einaudi de 1999, traduzida por Daniela Ferioli. O glossário da primeira edição de *Sudore* reúne 44 verbetes, enquanto o da segunda edição apresenta 26 definições. O glossário dos volumes *Jorge Amado: Romanzi*, da Mondadori, possui 196 verbetes. No caso da edição de 2002, cabe destacar que, após a revisão das traduções efetuada por Daniela Ferioli, todas as notas de tradutor foram retiradas e ela colaborou para a edição do glossário, como referido pelo organizador Paolo Collo: “Agradeço Daniela Ferioli, tradutora e amiga de Amado, que me ajudou muito a resolver dúvidas e imprecisões na revisão das traduções e para a escrita do *Glossario*” (COLLO, 2002, p. CXXIII, tradução nossa).⁸ Podemos então afirmar que, no caso dessa edição, as notas foram “reestruturadas” para se transformarem em verbetes: de fato, o glossário não reúne apenas *realia*⁹ (VLAHOV; FIORIN apud OSIMO, 2002, p. 207-208), termos culturalmente marcados, mas também definições de nomes de pessoas reais (Antônio Conselheiro e Lampião), funcionando como notas que explicam algum fato histórico.

Apesar de nos dois volumes de “I Meridiani” não aparecer o romance *Suor*, acreditamos pertinente comparar algumas das definições presentes nos glossários dessas diferentes edições, já que podemos considerar *Jorge Amado: Romanzi* (2002) uma edição crítica, pensada para ser um suporte tanto para o estudioso quanto para o público em

⁸ “Ringrazio Daniela Ferioli, traduttrice e amica di Amado, che tanto mi ha aiutato per risolvere dubbi e imprecisioni nella revisione delle traduzioni e per la stesura del *Glossario*”.

⁹ Os *realia* são aqui entendidos na definição de Vlahov e Fiorin (apud Osimo, 2002, p. 207-208): “algumas [palavras] passam no texto da tradução de forma inalterada (transcrevem-se), outras podem conservar apenas parcialmente suas estruturas morfológicas ou fonéticas em tradução, outras ainda às vezes têm de ser substituídas com unidades lexicais com um valor de aspecto completamente diferente ou até ‘compostas’. Dentre essas palavras encontram-se denominações de elementos da vida quotidiana, da história, da cultura etc. de um dado povo, país, lugar que não existem em outros povos, países e lugares. Essas mesmas palavras na teoria da tradução receberam o nome de ‘realia’”.

geral. Aqui é também importante levar em conta que o organizador e o(a)s autore(a)s do material paratextual são na maioria acadêmico(a)s e estudiosos de literatura de língua portuguesa,¹⁰ o que confere uma maior legitimidade, porque quem contribuiu para o paratexto é considerado fonte “confiável” sobre o tema abordado.

Um aspecto importante a ser considerado é a “distância cultural” entre Brasil, ou melhor, a Bahia, e a Itália, especialmente quando se trata da literatura de Jorge Amado, uma literatura que levou para o mundo uma parte da cultura brasileira, nomeadamente a baiana, apresentando um mundo que para muito(a)s é exótico e distante. Pensando no público-leitor italiano, portanto, como observa Watts (2000), o paratexto contribui para tornar a cultura Outra mais “familiar”.

De fato, além do glossário, outros espaços paratextuais auxiliam na aproximação das culturas e a conhecer o autor. O prefácio da primeira edição de *Sudore*, de 1985, explora aspectos culturais especialmente através da apresentação da personalidade do autor e compara a obra com outras do cânone europeu. Também podemos constatar que a distância cultural justifica o tipo de palavra definida dentro do glossário. Como referido acima, na maioria dos casos se trata de *realia*. Estes podem ser classificados como: geográficos e etnográficos; folclóricos e mitológicos; cotidianos, que se referem à comida, vestuário, objetos domésticos, meios de transporte, música ou brinquedos, medidas, moedas; histórico-sociais, ou ainda unidades administrativas, cargos e profissões, instituições e órgãos, partidos e movimentos, militares.

Os glossários analisados no nosso estudo de caso permitem tecer alguns comentários iniciais. Os *realia* cotidianos são bem explicados, mas, em alguns fatos históricos e termos oriundos de religiões de matriz africana, notou-se que há problemas nas definições, com informações inexatas.

Seguindo a classificação acima, apresentamos as 44 entradas do glossário da primeira edição *Sudore*, de 1985, traduzida por Claudio M. Valentinetti:

¹⁰ O organizador Paolo Collo é um tradutor premiado na Itália, o extenso prefácio é de autoria da estudiosa de literatura de língua portuguesa Luciana Stegagno Picchio (1920-2008), a supracitada Daniela Ferioli foi responsável pela revisão das traduções e a organização do glossário. Além disso, Paolo Collo menciona o suporte de Guia Boni (professora da Università L’Orientale de Nápoles), Silvia La Regina (professora da Universidade Federal do Sul da Bahia) e Ugo Serani (atualmente professor da Università degli Studi Aldo Moro de Bari) para a organização da biografia e da bibliografia.

- *realia* geográficos e etnográficos: Imburana; Pelourinho; Sapoti; Sertão; Umburana; Xiquexique
- *realia* folclóricos e mitológicos: Crente; Despacho; Ogum; Orixás.
- *realia* cotidianos: Acarajé; Bicho (Jogo do); Cachaça; Coco; Cortiço; Cuia; Cuscuz; Dendê; Fazenda; Feijoada; Ladeira; Mil-réis; Mingau; Molho de pimenta; Moqueca; Munguzá; Pinga; Puba; Rabo-de-galo; Rapadura; Sobrado; Trova.
- *realia* histórico-sociais: Cangaceiro; Coronel; Fazendeiro; Flagelados; Galego; Gringo; Jagunço; Mucama; Sinhá; Vestibular.
- Outros: Lampião; Padre Cícero.

A edição de *Sudore* de 1999, traduzida por Daniela Ferioli, tem 27 entradas com a seguinte classificação:

- *realia* geográficos e etnográficos: Sapoti; Sertão; Umburaba; Xiquexique.
- *realia* folclóricos e mitológicos: Orixás; Coco.
- *realia* cotidianos: Acarajé; Cachaça; Feijoada; Mingau; Moqueca; Munguzá; Pinga; Puba.
- *realia* histórico-sociais: Cangaceiros; Coronel; Cortiço; Fazenda; Fazendeiro; Flagelados; Galego; Gringo; Jagunço; Mucama; Sinhá.
- Outros: Lampião Virgulino Ferreira da Silva (1898-1938); Padre Cícero (1844-1934).

A edição *Jorge Amado: Romanzi* (2002) apresenta um glossário vasto, com 196 definições. Mencionaremos apenas os termos “em comum” com os outros dois glossários para comparação:

- *realia* geográficos e etnográficos: Pelourinho; Sertão.
- *realia* folclóricos e mitológicos: Coco; Ogum; Orixás.
- *realia* cotidianos: Acarajé; Bicho (jogo do); Cachaça; Dendê; Feijoada; Real (réis); Mingau; Moqueca; Munguzá; Pinga; Puba; Rabo-de-galo.
- *realia* histórico-sociais: Cangaceiro; Coronel; Fazenda; Fazendeiro; Gringo; Jagunço; Sinhô/sinhá.
- Outros: Lampião.

No quadro abaixo apresentamos os termos presentes nos dois glossários de *Sudore* (1985, 1999) e os termos que têm alguma correspondência no glossário de *Jorge Amado: Romanzi* (2002). Esses são especialmente significativos para o nosso objetivo, ou seja, verificar como o glossário pode ser um instrumento ético na tradução, negociando sentidos, sendo uma ferramenta dialógica ou, ao contrário, reforçando estereótipos.

QUADRO 1 – Verbetes dos glossários das duas edições de *Sudore* e de *Jorge Amado: Romanzi*¹¹

TERMO	<i>Sudore</i> , 1985	<i>Sudore</i> , 1999	<i>Jorge Amado: Romanzi</i> , 2002
<i>Acarajé</i>	Polpetta della cucina afro-baiana, fatta di puré di fagioli, frita in olio di palma, che si serve con salsa piccante e gamberi.	Polpettina di puré di fagioli secchi e cipolle, frita in olio di palma, che si serve con salsa piccante e gamberetti.	Polpettine di fagioli fritte in olio di palma accompagnate da sugo di cipolla, peperoncini e gamberetti essiccati.
<i>Bicho</i>	Gioco nazionale (clandestino ma tollerato) brasiliano. È una specie di lotteria in cui le decine corrispondono a 25 gruppi, ognuno con il nome di un animale. E cioè: struzzo, aquila, asino, farfalla, cane, capra, montone, cammello, serpente, coniglio, cavallo, elefante, gatto, gallo, coccodrillo, leone, scimmia, maiale, pavone, tacchino, toro, tigre, orso, cervo, mucca.		Lotteria nata nel 1800 per lanciare il giardino zoologico di Rio, composta da numeri abbinati a nomi di animali.
<i>Cachaça</i>	Liquore nazionale brasiliano, base della <i>batida</i> . È un distillato della melassa. È chiamato, popolarmente, anche <i>pinga</i> .	Distillato di melassa della canna da zucchero, chiamato anche <i>pinga</i> .	Acquavite di canna.
<i>Cangaceiro</i>	Specie di bandito-Robin Hood del Nordeste del Brasile, eroe popolare e ormai mitico, celebrato nelle leggende di molti cantastorie della letteratura nazionale.	Banditi del Nordeste, armati fino ai denti, che esercitano molto fascino tra la povera gente.	Nel Nordeste sta a indicare il bandito errante, solo o in bande, che vive di saccheggio e aggressioni ma esercita grande fascino tra la povera gente.
<i>Coco</i>	Danza popolare originaria dell'America Latina, accompagnata, di solito, da canti e percussioni.	Danza popolare che si balla in girotondo, accompagnata da canti e percussioni.	Danza popolare di origine africana che si balla in girotondo accompagnata da canti e percussioni.

¹¹ Devido ao limite de palavras para este artigo, só disponibilizaremos a tradução integral dos verbetes na seção de comentários das definições analisadas.

<i>Coronel</i>	Capo politico, in genere proprietario terriero, dell'interno del paese. In origine il termine si riferiva al grado di colonnello della Guardia Nazionale all'epoca dell'impero portoghese.	Titolo onorifico conferito ai grandi latifondisti o capi politici locali.	Titolo onorifico conferito a grandi proprietari terrieri e a politici influenti (al plurale, coronéis).
<i>Cortiço</i>	Abitazione collettiva della gente più povera.	Abitazione collettiva delle classi povere.	
<i>Crente</i>	Credente, membro dell'omonima setta religiosa sincretica.		
<i>Cuia</i>	Vaso fatto col frutto di <i>Crescentia cujate</i> , simile a una zucca, svuotato della polpa.		
<i>Cuscuz</i>	Polpetta di farina di mais o di tapioca cotta alla griglia.		
<i>Dendê</i>	Palma brasiliana originaria della Guinea (<i>Elaeis guineensis</i>) e frutto di essa, da cui viene estratto un olio usato come condimento nella cucina baiana.		Frutto e olio ricavato dalla palma da cocco.
<i>Despacho</i>	“Stregoneria”, “fattura” tipica delle religioni africane in Brasile.		
<i>Fazenda</i>	Grande proprietà rurale, di coltivazione dei campi o di allevamento del bestiame.	Grande proprietà rurale adibita a coltivazioni o allevamento di bestiame.	Grande proprietà rurale adibita a coltivazioni o allevamento di bestiame.
<i>Fazendeiro</i>	Proprietario di <i>fazenda</i> , latifondista.	Proprietario di fazendas, latifondista.	Proprietario della fazenda, latifondista.
<i>Feijoada</i>	Piatto nazionale brasiliano, preparato con fagioli (in genere neri), pancetta, carne secca, carne di maiale salata, salsicce ecc. e accompagnato da riso e da farina di mandioca salata al burro (<i>farofa</i>).	Piatto nazionale a base di fagioli, lardo, carne essiccata, maiale, insaccati, accompagnato da legumi.	Piatto tipico nazionale, piuttosto robusto, preparato con varie carni di maiale, fagioli neri e altri legumi.
<i>Flagelados</i>	In genere, viene chiamata così la gente del Nordeste sottoposta a calamità naturali come la siccità o gli allagamenti.	Gli abitanti dell'interno del Nordeste colpiti da calamità naturali che emigrano verso il mare e le terre fertili del sud.	
<i>Galego</i>		Portoghese in senso canzonatorio.	

<i>Gringo</i>	Straniero in genere. Dispregiativo. In origine era riferito agli italiani; oggi trova applicazione in tutta l'America Latina per definire e connotare i nordamericani.	Straniero in generale. Il termine, attualmente, è riferito quasi solo ai nordamericani.	Nome con cui venivano generalmente chiamati i nordamericani e in seguito gli stranieri in generale.
<i>Imburana</i>	Piccola pianta del Nordeste, molto ramificata, della famiglia delle burseracee (<i>Bursera leptophleas</i>), con foglie pennate, foglioline aromatiche, fiori molto piccoli, frutto oleoso, commestibile quando ben maturo, e con tronco bianco e duro, utilizzabile in falegnamerie e edilizia. È chiamata anche <i>umburana</i> .		
<i>Jagunço</i>	In origine partigiano di Antônio Conselheiro, "santone" in rivolta contro il governo federale alla fine del secolo scorso a Canudos, stato di Bahia (e argomento del romanzo di Mario Vargas Llosa, <i>La guerra della fine del mondo</i>). Il termine si è poi imposto nel senso di guardia del corpo, sicario prezzolato, ecc.	Guardia del corpo, sicario.	Guardaspalle, mercenario, sicario al servizio di un fazendeiro, fuorilegge, sinonimo di cangaceiro.
<i>Ladeira</i>	A Bahia, strada più o meno scoscesa, ripida.		
<i>Lampião Virgulino Ferreira da Silva (1898- 1938)</i>		Celebre brigante, vivente all'epoca in cui è stato scritto <i>Sudore</i> , le cui gesta sono divenute leggendarie.	Virgulino Lampião, il più temibile capo dei cangaceiros (vedi) di tutti i tempi, incuteva terrore e insieme ammirazione presso la povera gente. Pur essendo cieco dall'occhio destro, aveva una mira infallibile. Eclottico, suonava la fisarmonica e costruiva oggetti di cuoio. Grande stratega e conoscitore della zona, affrontò la polizia militare di sette Stati, perdendo in pochi anni ben 800 uomini del suo seguito. Morì a quarant'anni insieme alla compagna Maria Bonita. Le sue gesta sono divenute leggendarie.

<i>Mil-réis</i>	Vecchia unità monetaria brasiliana, sostituita nel 1942 dal <i>cruzeiro</i> . <i>Conto de réis</i> : dieci volte cento <i>mil-réis</i> .		REAL, RÉIS: antica unità di moneta del Portogallo e del Brasile, sostituita nel tempo dal <i>cruzeiro</i> e poi dal <i>crúzado</i> , e infine riapparsa come moneta attuale in Brasile.
<i>Mingau</i>	Crema di farina di grano o di mandioca. <i>Mingau de puba</i> : crema di mandioca messa in acqua fino ad ammorbidire e a fermentare.	Crema molto liquida di mais o manioca.	Pappa di latte zuccherato con aggiunta di farina di mais o di manioca.
<i>Molho de pimenta</i>	Salsa di peperoncini (<i>malagueta</i> e <i>comari</i>), molto forte, usata come accompagnamento di quasi tutti i piatti della cucina baiana.		
<i>Moqueca</i>	Piatto tipico brasiliano, in genere di pesce o di frutti di mare (ma anche di pollo, uova, ecc.) con un sugo abbastanza liquido (ma non troppo), temperato con prezzemolo, coriandolo, limone, cipolla e soprattutto latte di cocco, olio di <i>dendê</i> e pepe. <i>Moqueca de aratu</i> : moqueca di un piccolo granchio (<i>Aratus pisoni</i>).	Stufato di pesce o altro, condito con coriandolo, latte di cocco e olio di palma.	Piatto tipico di solito a base di pesce e frutti di mare, ma anche di pollame, con olio di palma, latte di cocco, spezie e cipolla.
<i>Mucama</i>	Schiava personale della padrona di casa.	Schiava di alto lignaggio, giovane e fine, che veniva scelta come bambinaia o accompagnatrice della signora.	
<i>Munguzá</i>	Crema di mais, in genere, dolce, con latte di cocco, cui spesso di aggiungono tapioca e cannella.	Mais cotto in latte di cocco con tapioca e cannella.	Grani di mais bianco cotti nel latte di cocco zuccherato con chiodi di garofano e cannella.
<i>Ogum</i>	Divinità, nel rito Nagô, della guerra. Spirito di razza bianca identificata in alcuni santi dell'iconografia cattolica, soprattutto San Giorgio.		Orixá del ferro, dei fabbri, dei guerrieri e di tutti coloro che usano strumenti di ferro. Divinità della guerra, degli scontri e delle "vie di fatto", è fratello di Exu e di Oxóssi. Sincretizzato con sant'Antonio, i suoi simboli sono arnesi di ferro riuniti in quantità diverse (7, 14, 16, 21). Gli piace la feijoada e danza impugnando la spada con mimica guerresca o di duello. Ogunyê!

<i>Orixás</i>	L'insieme delle divinità (soprattutto nel rito Nagô) delle religioni afro-brasiliane.	Le divinità della macumba.	Divinità africana che risiede lungo la costa e sono pronte ad accorrere ovunque al richiamo dei loro fedeli. Simbolizzano le forze della natura.
<i>Padre Cicero (1844-1934)</i>		Strana figura di religioso e trascinate di folle, al quale sono attribuiti poteri soprannaturali, tuttora oggetto di grande venerazione.	
<i>Pelourinho</i>	In origine, colonna di pietra o di legno, in piazza o in luogo pubblico, su cui venivano esposti o puniti coloro che avevano commesso qualche colpa.		Antica piazza del patibolo.
<i>Pinga</i>	Cfr. <i>cachaça</i>	Cfr. <i>cachaça</i>	Vedi CACHAÇA.
<i>Puba</i>		Farina di manioca fermentata.	Manioca messa a bagno in acqua fino a fermentare.
<i>Rabo-de-galo</i>	Traduzione brasiliana dell'inglese "cocktail". Di solito corrisponde a un aperitivo composto da <i>cachaça</i> e vermouth.		Aperitivo a base di acquavite e vermouth.
<i>Rapadura</i>	Zucchero non raffinato solidificato in blocchi della grandezza di un mattone.		
<i>Sapoti</i>	Frutto della <i>sapotizeira</i> , o della sapota, albero delle sapotacee (<i>Lucuma mamosa</i>).	Squisito frutto carnoso, molto dolce.	
<i>Sertão</i>	Zona poco popolata, arida, dell'interno del Paese (soprattutto il Nordeste), con vegetazione scarsa e con l'allevamento come unica e ridotta attività.	Zona arida e poco popolata all'interno del Nordeste.	Zona arida e semidesertica dell'interno del Nordeste brasiliano.
<i>Sinhá</i>		Come gli schiavi chiamavano la padrona.	SINHÔ, SINHÁ (sió, siá): Come gli schiavi chiamavano il padrone e la padrona.
<i>Sobrado</i>	Casa molto comune in Brasile, composta da un pianterreno e da un primo piano, con intorno un piccolo giardino.		
<i>Trova</i>	Composizione poetica di carattere popolare.		

<i>Umburana</i>		Pianta dai fiori molto piccoli e dalle foglioline aromatiche.	
<i>Vestibular</i>	Si chiama così, nella struttura scolastica brasiliana, il concorso di ammissione al primo ciclo di laurea, aperto ai candidati che abbiano concluso il corso di secondo grado (più o meno, il nostro liceo).		
<i>Xiquexique</i>	Tipo di pianta appartenente alla famiglia delle cactacee (<i>Pilocereus gounellei</i>), tipica di zone semiaride.	Cactus.	

Fonte: As autoras (2020)

A primeira consideração a ser feita é sobre a quantidade de verbetes dos glossários. A edição de 1985 apresenta um número maior de definições, provavelmente pensando num público pouco familiarizado com alguns elementos culturais: vê-se um número consistente de *realia* cotidianos, especialmente ligados à comida e a aspectos histórico-sociais.

O segundo glossário, de 1999, é mais conciso, e o da edição “I Meridiani” apresenta mais entradas, provavelmente devido ao maior número de obras reunidas e de termos culturalmente marcados. A colaboração de Daniela Ferioli na redação do glossário da edição “I Meridiani”, além de ser especificada pelo organizador da obra, é evidente em algumas definições, que são basicamente as mesmas da edição Einaudi, que publicou sua tradução de *Sudore* em 1999. Outro aspecto importante dessa edição é o seu prestígio, que vai da fama da coleção até o envolvimento de acadêmico(a)s, que, em tese, dão maior legitimidade e confiabilidade às informações expostas.

Enquanto instrumento que instaura uma relação dialógica entre duas línguas e não causa excessivo estranhamento, nem produz naturalização abusiva (BERMAN, 1995, p. 30), o glossário dessas edições tem seus méritos: no que se refere a definições de *realia* geográficos e cotidianos, encontramos na maioria dos casos explicações objetivas que procuram aproximar o público-leitor ao contexto cultural do sistema de partida. Assim, o *acarajé*¹² é descrito como uma almôndega frita em

¹² “Almôndega da culinária afro-baiana, feita de purê de feijão, frita em azeite de dendê, que é servida com molho picante e camarões” (VALENTINETTI, 1985, tradução nossa).

azeite de dendê, e são especificados os principais ingredientes para se ter uma melhor ideia do produto. Além disso, a definição de 1985 especifica sua origem afro-baiana, traço importante desse quitute que nas obras de Jorge Amado pode até assumir significados simbólicos sendo uma comida sagrada para Iansã no candomblé, por exemplo. Os verbetes de *cachaça*¹³ e *sertão*¹⁴ também possuem esse mérito, sendo que são desenvolvidas definições bem informativas e objetivas.

Contudo, examinando outros verbetes, podemos ver algumas definições que pouco dialogam com o significado da cultura de partida, como as relacionadas ao campo semântico do *cangaço* – como *cangaceiro* e *jagunço* – e de algumas palavras relacionadas a religiões de matriz africana, nomeadamente o candomblé, como por exemplo *Orixás* e *Ogum*.

Se tomarmos os verbetes ligados à guerra de Canudos e ao cangaço, *cangaceiro* e *jagunço*, é evidente a conotação negativa de *cangaceiro*,¹⁵ definido sempre como bandido e pessoa que vive fora da lei, que exerce fascínio na população mais pobre, sendo que a conotação mais positiva,

“Pequena almôndega de purê de feijão seco e cebola, frita em azeite de dendê, que é servida com molho picante e camarões” (FERIOLI, 1999, tradução nossa).

“Pequenas almôndegas de feijão fritas em azeite de dendê acompanhadas de molho de cebola, pimenta e camarão seco” (COLLO, 2002, tradução nossa).

¹³ “Licor nacional brasileiro, base da batida. É um destilado do melado. É também chamado, popularmente, de pinga” (VALENTINETTI, 1985, tradução nossa).

“Destilado de melado de cana de açúcar, também chamado pinga” (FERIOLI, 1999, tradução nossa).

“Aguardente de cana” (COLLO, 2002, tradução nossa).

¹⁴ “Área pouco populosa, árida, do interior do País (sobretudo do Nordeste), com vegetação escassa e com criação de gado como única e reduzida atividade” (VALENTINETTI, 1985, tradução nossa).

“Área árida e pouco populosa no interior do Nordeste” (FERIOLI, 1999, tradução nossa).

“Área árida e semidesértica do interior do Nordeste brasileiro” (COLLO, 2002, tradução nossa).

¹⁵ “Espécie de bandido-Robin-Hood do Nordeste do Brasil, herói popular e já mítico, celebrado nas lendas de muitos contadores de histórias da literatura nacional” (VALENTINETTI, 1985, tradução nossa).

“Bandido do Nordeste, armado até os dentes, que exercem muito fascínio entre a população mais pobre” (FERIOLI, 1999, tradução nossa).

“No Nordeste indica o bandido errante, sozinho ou em bandos, que vive de saques e agressões, mas exerce muito fascínio entre a população mais pobre” (COLLO, 2002, tradução nossa).

embora pouco científica, é a aproximação do cangaceiro com a figura de Robin Hood. O *jagunço*,¹⁶ na edição de 1985, é definido como seguidor de Antônio Conselheiro em Canudos, afirmando que o termo adquire em seguida o significado de sicário e guarda-costas: essa é uma definição historicamente errônea, já que *jagunço* – inicialmente um regionalismo baiano que indicava uma arma e em seguida o guarda-costas, o homem que a usava – passou a ser um termo popular, precisamente na época da guerra de Canudos (1896-1897), que indicava

grande parte das populações nordestinas, incluindo pobres e remediados, brancos, negros, índios, curibocas, mulatos, velhas rezadeiras e mulheres erradas, homens de enxadas e clavinoteiros destemidos, gentes de todas as idades e oriundas de distantes pontos dos sertões, uma imensa massa humana calculada em mais de 20 mil pessoas, que constituiu a jagunçada, o mundo dos jagunços de Antônio Conselheiro. (CALASANS, 1970, p. 33-34)

Calasans especifica também que, na época, o termo passou a ter uma conotação política, representando o(a)s subversivo(a)s monarquistas, já que essa foi a representação dada por Euclides da Cunha, historicamente a fonte de dados confiáveis sobre aqueles acontecimentos. A definição de “I Meridiani” não menciona Canudos, mas afirma ser *jagunço* um sinônimo de *cangaceiro*, apresentando mais uma explicação equivocada, já que:

Ser jagunço não é ser cangaceiro. Há uma profunda diferença entre o jagunço, sertanejo que possui sua arma de fogo, seu punhal de aço bom e está sempre pronto a lutar por um amigo, sem lhe custar um centavo e o cangaceiro, indivíduo sem pouso, que vive do crime, assaltando os viajeiros nas estradas. O jagunço é o homem que sem abandonar o seu roçado ou seu curral de bois de

¹⁶ “Originalmente guerrilheiro de Antônio Conselheiro, “mestre santo” em revolta contra o governo federal no final do século XIX em Canudos, estado da Bahia (e tema do romance de Maria Vargas Llosa *A guerra do fim do mundo*). O termo se tornou em seguida sinônimo de guarda-costas, sicário assalariado, etc.” (VALENTINETTI, 1985, tradução nossa).

“Guarda-costas, sicário” (FERIOLI, 1999, tradução nossa).

“Guarda-costas, mercenário, sicário ao serviço de um fazendeiro, bandido, sinônimo de cangaceiro” (COLLO, 2002, tradução nossa).

cria, participa de lutas armadas ao lado de amigos ricos ou pobres (LINS, 1952, p. 135).

Também queremos destacar a importância da contextualização histórica – e da narração – dos acontecimentos de Canudos, especialmente num contexto onde o leitor comum dificilmente conhece esses fatos. Lília M. Schwarz e Heloísa M. Starling (2015, p. 334) advertem que:

A República procurou converter Canudos num grande exemplo: um exemplo da barbárie contra a civilização; do atraso contra a modernidade. O corpo de Antônio Conselheiro também fez parte da performance. Seu crânio foi levado ao Rio de Janeiro, para que o médico Nina Rodrigues e a ciência dessem a última palavra sobre a loucura e a mestiçagem.

No glossário, portanto, a descrição dos personagens envolvidos pode condizer ou não com essa visão restrita sobre os fatos de Canudos. Por isso, é significativo observar – apesar de estar presente apenas na edição *Jorge Amado: Romanzi* (2002) – como é descrito Antônio Conselheiro no glossário dessa edição: “famosa figura de ‘mestre santo’, pregador e *rebelle* que, aproximadamente me 1896, organizou o vilarejo de Canudos constituídos por *fanáticos* e *bandidos*” (COLLO, 2002, p. 1893-1894, grifos e tradução nossos),¹⁷ ou seja, ele é contextualizado como o vilão da história, um rebelde com seguidores fanáticos e criminais. Dessa forma, o público-leitor italiano recebe uma representação parcial e distorcida de Canudos e dos personagens envolvidos, do cangaceiro, do jagunço.

Passando aos verbetes de matriz religiosa, na definição de *Orixás*:¹⁸ as entidades do panteão candomblecista são inicialmente bem apresentadas como divindades das religiões afro-brasileiras, no glossário de 1985, oferecendo ao público-leitor uma visão que, sem entrar em

¹⁷ “famosa figura di santone, predicatore e *ribelle* che, verso il 1896, organizzò il villaggio di Canudos costituito da *fanatici* e *fuorilegge*”.

¹⁸ “O conjunto de divindades (sobretudo no ritual Nagô) das religiões afro-brasileiras” (VALENTINETTI, 1985, tradução nossa).

“As divindades da macumba” (FERIOLI, 1999, tradução nossa).

“Divindade africana que habita ao longo da costa e não hesitam em chegar em não importa que lugar quando os fiéis chamam. Simbolizam as forças da natureza” (COLLO, 2002, tradução nossa).

detalhes, o aproxima dessas religiões. Na definição da edição de 1999, entra a palavra “macumba”. No português brasileiro, esse termo já adquiriu uma conotação pejorativa,¹⁹ enquanto no dicionário *Treccani* da língua italiana é definido da seguinte forma:

Denominação de ritos específicos, próprios dos cultos espíritas do Brasil, de natureza sincrética, derivados de tradições quer africanas quer ameríndias: buscam desfazer o mal e consistem em danças acompanhadas de músicas e cantos puxados até o paroxismo, para chegar a estados de êxtase ou transe considerados provas da posseção por parte das divindades ou dos ancestrais. (MACUMBA, 2020, online, tradução nossa)²⁰

A definição italiana dicionarizada dá uma ideia geral dos rituais afro-brasileiros, incluindo várias religiões sem, porém, mencioná-las. De fato, ao falar de tradições africanas e ameríndias, incluem a umbanda, em que, por exemplo, são cultuados os *caboclos*.

A definição de “I Meridiani”, no entanto, descreve as entidades de forma mais “dialógica” e mais próxima do candomblé, mencionando a origem africana dos orixás e o fato de que representam os elementos da natureza. No glossário dessa edição também são descritos vários orixás, e são apresentadas suas características e saudações. Notamos, nesse sentido, um maior aprofundamento nas definições, já que, no glossário da primeira edição, *Ogum* é descrito de forma problemática como: “Divindade, no ritual Nagô, da guerra. Espírito de raça branca identificado em alguns santos da iconografia católica, sobretudo São Jorge” (AMADO, 1985, p. 151, tradução nossa).²¹ Entendemos aqui que

¹⁹ O termo indicava inicialmente um instrumento musical. Nos cultos de religiões de matriz africana passou em seguida a indicar uma entrega, uma oferta, um despacho. Agora possui uma carga pejorativa e o vemos utilizado em discursos que aproximam as religiões afro-brasileiras a cultos “do mal”.

²⁰ “Denominazione di particolari riti, propri dei culti spiritistici del Brasile, di natura sincretistica, derivati da tradizioni sia africane sia amerindie: sono volti a ottenere la liberazione dal male e consistono in danze accompagnate da musiche e canti spinti fino al parossismo, per giungere a stati di estasi o *trance* ritenuti prova della posseção da parte della divinità o degli antenati”.

²¹ “Divinità, nel rito Nagô, della guerra. Spirito di razza bianca identificato in alcuni santi dell’iconografia cattolica, soprattutto San Giorgio”.

definir um orixá, uma entidade de um panteão de origem africana, como um espírito de *raça branca*, é equivocado.

Outro exemplo de definição equivocada, no primeiro glossário de 1985, é a de *crente*: “membro da homônima seita religiosa sincrética”. Essa frase associa a palavra às religiões de matriz africana, enquanto nas obras de Jorge Amado *crente* é geralmente utilizado de forma escarnecedora e refere-se a pessoas conservadoras de fé católica, em contextos de cidades do interior.

Conclusão

A partir do objetivo principal deste artigo – verificar como os glossários são tratados a partir das abordagens paratextuais para na sequência analisar os glossários de edições da obra de Jorge Amado traduzidas na Itália – confirmamos a importância dos glossários como um importante paratexto e como um potente instrumento criador de sentidos, no qual podem ser explorados os elementos éticos de uma tradução. Considerando sua importância quando se trata de veicular significados a respeito de uma cultura “periférica” em sistemas culturais “hegemônicos”, no caso analisado proposto neste artigo, temos que 1) as definições de *realia* cotidianos são bem construídas e procuram aproximar o público-leitor italiano do contexto de chegada, sem exotizações excessivas; 2) os verbetes ligados a acontecimentos históricos e religião – tratando-se aqui de religiões de matriz africana – são tendencialmente menos aprofundados ou fornecem uma visão parcial ou equivocada do contexto de partida.

Ademais, é importante destacar e lembrar que entre culturas hegemônicas e pós-coloniais se estabelecem relações desiguais e assimétricas, por isso apontamos para a urgência de se aprofundar as análises críticas dos elementos paratextuais – entre os quais os glossários – a fim de identificar eventuais representações eurocêntricas e de conscientizar quem (para)traduz a ter uma postura ética, aqui no sentido bermaniano: o de manter o Outro presente em tradução enquanto Outro, assim como o de criar uma relação dialógica entre naturalização e exotização. Ao tentar “explicar” os contextos pós-coloniais é preciso levar em conta as diversidades e buscar aproximar o público-leitor à cultura “periférica” de partida sem cair em fáceis exotizações.

Referências

AMADO, Jorge. *Sudore*. Tradução de Claudio M. Valentinetti. Milão: Mondadori, 1985.

AMADO, Jorge. *Sudore*. Tradução de Daniela Ferioli. Turim: Einaudi, 1999.

BAKER, Mona; SALDANHA, Gabriel (ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. 3th ed. Nova Iorque: Routledge, 2020. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781315678627>.

BATCHELOR, Kathryn. *Paratexts and Translation*. Nova Iorque: Routledge, 2018. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781351110112-3>.

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. 2. ed. Tubarão: Copiart, 2013. Disponível em: <http://ppget.posgrad.ufsc.br/biblioteca-da-pget/biblioteca-digital-2/>. Acesso em: 12 jun. 2020.

BERMAN, Antoine. *Pour une critique des traductions*. Paris: Gallimard, 1995.

CALASANS, José. Os Jagunços de Canudos. *Cahiers du Monde Hispanique et Luso-Brésilien*, [S.l.], n. 15, p. 31-38, 1970. DOI: <https://doi.org/10.3406/carav.1970.1772>.

COLLO, Paolo. *Jorge Amado: Romanzi*. (I Meridiani, v. 1). Milão: Arnoldo Mondadori, 2002.

DAL PONT, Stella Rivello da Silva; GUERINI, Andreia. Itália e Brasil: paralelismo em tradução literária? *Belas Infieis*, Brasília, v. 6, n. 2, p. 33-51, dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.26512/belasinfeis.v6.n2.2017.11453>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfeis/article/view/11453/10082>. Acesso em: 1 maio 2020.

FINATTO, Maria José Bocorny; KRIEGER, Maria da Graça. *Introdução à terminologia: teoria & prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

GLOSSÁRIO. In: DICIONÁRIO Caldas Aulete. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2020. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/glossario>. Acesso em: 22 abril 2020.

KOVALA, Urpo. Translations, Paratextual Mediation, and Ideological Closure. *Target*, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 119-147, 1996. DOI: <https://doi.org/10.1075/target.8.1.07kov>.

LINS, Wilson. *O médio São Francisco*. Bahia: Edições Oxumaré, 1952.

MACUMBA, In: VOCABOLARIO Treccani online. Roma: Istituto Treccani, 2020. Disponível em: <http://www.treccani.it/enciclopedia/tag/macumba/>. Acesso em: 1 maio 2020.

MEDEIROS, Vanise. Memória e singularidade no gesto do escritor-lexicógrafo. *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 46, p. 143-156, 1. sem. 2014. DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.v1i46.13>. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/13/14>. Acesso em: 12 jun. 2020.

MELLO, Giana M. G. Giani de; VOLLET, Neuza Lopes Ribeiro. A ética e o pós-colonialismo: uma prática de tradução. *Alfa*, São Paulo, n. 44, n.esp., p. 169-178, 2000. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4287>. Acesso em: 22 abr. 2020.

OSIMO, Bruno. *Storia della traduzione: riflessioni sul linguaggio traduttivo dall'antichità ai contemporanei*. Milão: Hoepli, 2002.

OXÓSSI, Pai Rodney de. Quem tem medo de macumba? *Carta Capital*, São Paulo, 25 maio 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/quem-tem-medo-de-macumba/>. Acesso em: 8 out. 2020.

ROBINSON, Douglas. *Translation and Empire: Postcolonial Theories Explained*. Nova Iorque: Routledge, 2014. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781315760476>.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

TAHIR- GÜRÇAĞLAR, Şehnaz. What Texts Don't Tell: The Uses of Paratexts in Translation Research. In: HERMANS, Theo (ed.). *CrossCultural Transgressions*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2002, p. 44-60.

TORRES, Marie-Hélène C. *Traduzir o Brasil literário: Paratexto e discurso de acompanhamento*. Tradução de Marlova Aseff e Elenora Castelli. Tubarão: Copiart, 2011.

TYMOCZKO, Maria. Translation: Ethics, Ideology, Action. *The Massachusetts Review*, Amherst. v. 47, n. 3, p. 442-461, set. 2006.

WATTS, Richard. Translating Culture: Reading the Paratetxs to Aimé Césaire's Cahiers d'un retour au pays natal. *TTR*, Quebec, v. 13, i. 2, p. 29-45, set. 2000. DOI: <https://doi.org/10.7202/037410ar>.

Recebido em: 30 de abril de 2020.

Aprovado em: 17 de setembro de 2020.